

# REENCANTANDO A CASA: CONFABULANDO TERRITÓRIOS DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL

Maira Pereira Gouveia Coelho / UFPE

Oriana Maria Duarte Araujo / UFPE

## 1. RESUMO

Em função de uma pandemia de escala global, grande parte da população mundial teve que se submeter à reclusão quase que completa aos seus lares. Pretendemos neste artigo, compartilhar uma prática pedagógica criada neste contexto de ensino de design remoto buscando, a partir dela, elucidar sobre como essa disrupção no cotidiano levou à construção de um projeto que teve como objetivo estimular os estudantes a construírem novas relações com a cultura material. Gostaríamos de, fundamentadas na perspectiva do campo do design, refletir sobre formas através das quais foi possível, como consequência da experiência do isolamento social, reativar relações territoriais e afetivas com a casa. Partiremos de leituras e relações com textos de Federici (2020), hooks (2020) e Ingold (2012), para concatenar intersecções entre pedagogia, literatura e design. Propusemos, assim, exercícios práticos em busca de responder: quais caminhos podemos desenhar ao projetar modos de habitar o mundo alicerçados no conjuramento de experiências na casa?

**Palavras-chave:** Design; Ensino; Escritas de si; Prática reflexiva; Casa; Isolamento social.

## 2. RASTROS DA COTIDIANIDADE

No estudo a seguir, buscaremos entender como o design está ligado à casa e à economia enquanto processo de gestão de recursos planetários, bem como com a construção de uma comunalidade. Essa pesquisa está intimamente conectada com a minha tese de doutorado, na qual procuro pensar qual a função do ensino de design no contexto contemporâneo, a partir do compartilhamento e da prática reflexiva de experiências docentes neste campo do conhecimento.

Algumas das perguntas que nos guiam ao longo desta investigação são, como, enquanto designers, podemos tramar sonhos, costurar fragmentos de vida, convocar novos gestos ao longo e a partir do nosso cotidiano? De quais formas conseguimos cocriar com as diferentes agências e seres da moradia? De que maneira, enquanto docentes, podemos propor ações disruptivas que permitam deslocar os estudantes de uma vivência mecanicista de suas vidas e do ambiente do lar e trazer para sala de aula, consciência ética e cidadã em torno de nossos projetos? E finalmente, quais caminhos podemos desenhar ao projetar nosso modo de habitar o mundo a partir do conjuramento, isto é, conspirar a partir de associações com os objetos fazendo nascer novas experiências em processos de habitação poética da casa?

Pudemos vivenciar, no decorrer das atividades aqui relatadas, esse sentido de reencantamento no espaço do lar. Ainda no período de ensino remoto, decidi construir com os estudantes um projeto em torno da Casa. A busca era tentar confabular no lar novas possibilidades de afeto a partir da rotina. Aqui compartilharemos então, a metodologia adotada e alguns resultados desta prática docente que buscou resgatar as afetividades em torno do lar a partir de exercícios interseccionando design, pedagogia engajada e literatura.

### 3. PERCORRENDO ISOLAMENTOS CALEIDOSCÓPICOS

Durante 2021 fui contratada como docente de um curso técnico em Jogos Digitais da rede pública de Recife. O curso se dá numa escola técnica estadual que tem como missão disponibilizar uma esfera de experimentação metodológica e tecnológica para estudantes e professores. Por episódio da deflagração da pandemia de COVID-19, à época, as aulas estavam ocorrendo de maneira remota e portanto tive que elaborar projetos que ocorreriam apenas de maneira virtual.

Nas primeiras conversas que tive com os estudantes para quem lecionava, percebi o quanto o isolamento social estava afetando suas relações com o lar. Alguns dos estudantes se sentiam sufocados no ambiente da casa, sentindo sensações como opressão e mesmo raiva. Enquanto outros, devido à timidez e às inseguranças recorrentes na faixa etária, sentiam-se numa zona confortável e segura ao limitar suas interações ao mundo virtual e se sentirem refugiados e protegidos de encarar seus medos e apreensões quanto ao convívio social.

Me dando conta de que nesse cenário de isolamento, tivemos uma oportunidade singular para rever as relações com a entidade lar e com os objetos que conosco coabitam, decidi pensar em projetos que pudessem ativar novas afetividades em torno da casa para trazer aos estudantes consciências e novas possibilidades de relação com a cultura material.

Foi o contexto plural e caleidoscópico elucidado acima, que suscitou as questões apresentadas a seguir. Buscando, simultaneamente, não romantizar o mal estar e intensa onda de medo e inseguranças desencadeadas pelo contexto pandêmico, mas permitindo ao mesmo tempo, que este cenário fomentasse ou reativasse relações poéticas com a casa, foi que propus o projeto “Reencantando o lar” . Consentindo a

dor muitas vezes como força criadora, sincronicamente, sublimando o medo através da literatura, do design, da arte para gerar oportunidades de ensino-aprendizagem.

## 4. TRAZENDO AS COISAS DE VOLTA À VIDA

Para pensar nossa relação com a cultura material habitante da casa, partimos dos conceitos de horizontalidade nas relações entre objetos e pessoas. Essa horizontalidade é denominada de diversas maneiras por diferentes teóricos, tais quais; ontologia plana e *intração* (BARAD, 2007), agência (MILLER, 2009; INGOLD, 2012; GELL, 2018), ator-rede (LATOUR, 2012), entre outros. Estas são terminologias, apesar de heterogêneas, podem ser reunidas por um eixo comum: a consciência que os estudiosos da cultura material, especialmente da antropologia e do design, têm desenvolvido, de que os objetos constituem a realidade horizontalmente conosco.

Segundo estas teorias, os objetos existem em igualdade ontológica com o ser humano, ou seja, rejeita-se a perspectiva antropocêntrica do homem como o único agente social e passa-se a observar como a realidade é constituída a partir de diversos outros agentes que moldam como habitamos o mundo e mesmo quem somos. Aprofundamo-nos, desta forma, numa reflexão sobre a casa em si como esse agente que constitui conosco uma realidade *intracional*. Ou seja, no reconhecimento de que nos constituímos mutuamente de forma emaranhada e imbrincada a partir das experiências de encontros com os outros (objetos, seres vivos, coisas naturais, entre outros).

## 5. IMERGIR NA CASA

Para materializar as ideias acima costuradas a partir da colcha de retalhos em que se constitui cada ser e cada processo de vida, durante o segundo semestre de 2021, iniciamos com os estudantes do Nave Recife<sup>1</sup> o projeto:

---

1

O Nave, Núcleo Avançado de Ensino, diz respeito a uma parceria entre a Oi Futuro e

“Reencantando a Casa: Mapas e Trilhas para reconhecer-se no Mundo”. O projeto concatenou técnicas e exercícios de mapa mental, poesia escrita, poesia visual, colagem digital e ilustração digital para expressar possibilidades poéticas do cotidiano estudantil.

Com a pandemia todos tivemos que nos recolher ao ambiente doméstico. Se por um lado isso nos trouxe um desgaste físico e emocional, também abriu possibilidades para nos reconectarmos a esse espaço e pensarmos outras formas de habitá-lo. A partir dessa premissa, propusemos formas de aprofundar nossas relações com o elemento “casa”, para sonhar formas, cores e gestos de ocupação no lar.

A primeira parte do projeto, tratou de munir os estudantes de uma série de referenciais artísticos e imagéticos, iniciando-se com a Teoria das 5 peles, uma das principais elaborações de Hundertwasser. O projeto do arquiteto e artista, tratava de imaginar e experimentar outros modos de compreender a relação entre o corpo humano, os espaços e as ideias que o conectam com o mundo. Nascido em 1928, Hundertwasser desenvolveu grande parte da sua obra voltada para as questões ambientais. Ele resume e elucida seu ponto de vista sobre a configuração humana no mundo através da teoria das cinco peles: epiderme, vestuário, casa, identidade social e o mundo, como demonstrado nas figuras abaixo.

Apesar de ter sido elaborada há quase um século, a teoria das cinco peles, ao pensar as diferentes camadas que se afetam e se constituem mutuamente, se mostra extremamente contemporânea. Nos desenhos de Hundertwasser, notamos essa busca de integrar corpo e mundo. Trouxemos essa referência artística e arquitetônica, bem como livros como o ilustrações e o livro “As cidades invisíveis” de Italo Calvino com ilustrações

---

as Secretarias do Estado de Educação de Pernambuco e do Rio de Janeiro. Localizado na Escola Técnica Estadual Cícero Dias, o projeto conta com professores da base técnica da CESAR School e oferece ensino médio integrado e educação profissional para jovens. Criado em 2006, o NAVE possui turmas de Programação e Multimídia com foco em criação de Jogos Digitais.



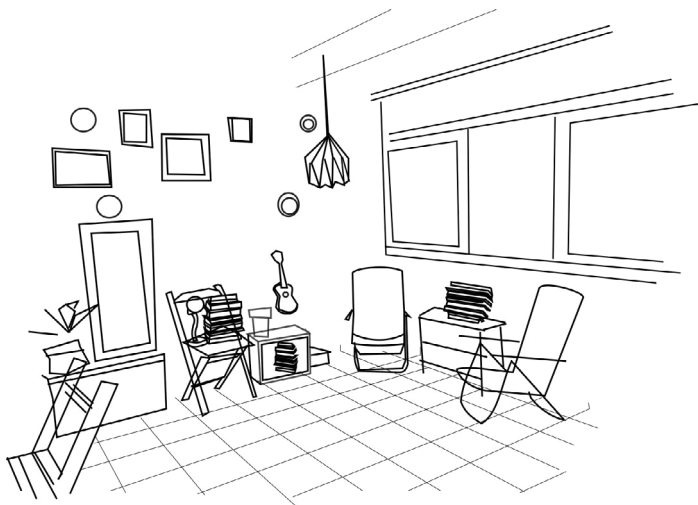


Figura 3. Ilustração em vetor que fiz da minha sala para explicar o exercício aos estudantes.

Fonte: Autor, 2021.

A relação que mantenho com a casa e que tentei confabular, ou seja, imaginar poeticamente para constituir aprendizados junto aos estudantes, em muito se assemelha com à fala de bell hooks, que define esse lugar como um espaço onde estamos prontos para “*dar e receber amor*”. Ela defende ainda, que cuidar da casa está intimamente ligado à auto-estima, ao amor-próprio e afirma que

Criar felicidade doméstica é especialmente útil para pessoas que vivem sozinhas e que estão apenas aprendendo a se amar. Quando intencionalmente nos esforçamos para tornar nossos lares lugares onde estamos prontos para dar e receber amor, todo objeto que colocamos ali melhora nosso bem-estar. Crio temas para minhas diferentes casas. Meu apartamento na cidade tem o tema “local de encontro do amor”. Como uma pessoa de

cidade pequena que se mudou para uma cidade grande, descobri que precisava do meu ambiente para me sentir verdadeiramente como um santuário. Como meu apartamento de um quarto é muito menor do que os lugares onde eu estava acostumada a morar, decidi pegar apenas objetos que realmente amava – as coisas que achava que não podia prescindir. É incrível a quantidade de coisas que você pode deixar de lado. Minha casa de campo tem um tema deserto. Eu chamo de “*soledad hermosa*”, bela solidão. Eu vou lá para ficar quieta e experimentar o divino, para ser renovada. (hooks, 2020, p.105)

Assim, tivemos como objetivos principais pensar a casa enquanto espaço lúdico-afetivo, buscar inspiração em elementos do cotidiano, exercitar a criatividade no processo de elaboração dos projetos para sonhar outros mundos/espacos/relações possíveis, bem como reencantar o ambiente do lar. Como afirma Federici:

A palavra “encantamento” vem de uma palavra francesa, chanter, que significa cantar. Decerto, “cantar” o mundo para trazê-lo à existência pode ser meditativo – às vezes, o movimento precisa parar e não fazer nada. Mas, se entendermos que “canção” inclui poesia, o apelo para encantar o mundo, para cantar a criação, é rapsódico e profético. É uma realização em coro. Antigamente, quando Colombo navegava, o povo da América cantava enquanto o milho crescia; acreditava-se que esse canto gerava o crescimento. ( FEDERICI, 2020, p.19)

Após as aulas expositivas em que trouxe e expliquei as diversas referências acima citadas, a primeira atividade prática, tratou do Mapa Mental



Coletivo. A ação foi executada com quatro turmas em concomitância com a chamada do dia, ou seja, iniciávamos as aulas com um quadro digital criado a partir da plataforma *Jamboard*, da plataforma Google. Uma ferramenta, que numa tradução livre para o português trata de um quadro (*board*- quadro) para improvisos colaborativos (*jams*- agregações). Nesse dispositivo começava as aulas com um quadro digital com a palavra CASA ao centro, e fazia a chamada, cada estudante, ao invés de responder confirmando sua presença, deveria escolher uma ou mais palavras que definissem sua principal sensação em torno da palavra casa. A seguir estão as quatro nuvens de palavras geradas uma por cada turma:



Figura 4. Mapas mentais coletivos em torno das afetividades da casa construídos com os

estudantes. Fonte: Autor, 2021.

Como é possível ver a partir dos quadros acima, temos sensações positivas como bem estar, liberdade, carinho, tranquilidade, companheirismo, e também sensações opressoras como bunker, sufoco, ódio, traumas, ho-

mofobia, solidão, conflito. Expliquei para os estudantes que não precisávamos ter uma idealização sempre positiva de um lar perfeito e sempre cheio de amor, mas que através da escrita e das expressões artísticas, poderíamos talvez achar espaços para expressar essas sensações intensas de uma maneira saudável. Bem como, dialogamos sobre a transitoriedade das relações e da impermanência de sentimentos, pois se às vezes estamos em crise com as realidades apresentadas e despertadas no lar, em outros momentos podemos construir e vivenciar momentos de prazer e alegria.

## 6. EMERGIR DA CASA

Após o mapeamento de sensações a partir de substantivos e adjetivos que congregassem memórias, a segunda parte da atividade tratou de escrever, a partir de algumas palavras do quadro, um texto poético em torno das sensações causadas pelas palavras que mais lhes ativassem. Alguns estudantes destacaram ao longo do texto as palavras retiradas do mapa mental, como vemos a seguir, muitos dos textos foram permeados por sensações paradoxais e contraditórias.

Num terceiro momento os estudantes foram convidados a destrinchar os textos em fragmentos de ideias, de forma a ter vários trechos que eles pudessem ilustrar, alguns estudantes coloriram esses diferentes retalhos gerando um interessante produto visual<sup>2</sup>

---

2 Um compilado com alguns dos resultados se encontra disponível no link: [https://issuu.com/mairagouveia/docs/livro\\_merged](https://issuu.com/mairagouveia/docs/livro_merged)

## Produção textual

Em casa, é onde nos sentimos protegidos, onde encontraremos refúgio em meio às mais diversas tempestades. Mas o que é casa afinal? É a representação de quatro paredes e um teto que nos cercam? Na verdade, eu acredito que casa é onde o coração se firma. Casa é qualquer coisa/pessoa que nos ofereça qualquer tipo de conforto e de paz. Claro, nem tudo são flores e beleza, também pode nos causar desordem e desconforto, traumas podem ser gerados, mas, apesar de tudo, sempre que estamos recolhidos e solitários, voltamos ao mesmo lugar para recorrer ao doce abrigo.

Seja por meio de personagens de livros que consolam o seu interior, que acalmam qualquer aflição que surja por meio de problemas da vida, e permitem que seu coração pulse com mais estabilidade e se sinta aquecido. Ou quem sabe, uma série/filme que ao mesmo tempo que te tira o fôlego, te devolve aquele sorriso sereno que você já não dava há tempos. Seja através do seu animal de estimação, que está sempre a postos para te receber, independente de qualquer coisa, e você consegue sentir o laço entre suas almas. O mundo parece pequeno quando você tem um momento em meio à natureza, quando percebe-se tudo de grandioso que te cerca pelo mundo. Aquele momento de conversa com a família, seja quem for, sabendo que família vai além de sangue, vai de coração e alma.

É impressionante o brilho em nosso olhar quando estamos em CASA, refletindo todos as angústias e aconchegos, e podermos associar essa profundidade e esses mistérios da vida à profundidade e mistérios do imenso mar.

Figura 5. Produção textual de um dos estudantes.

Fonte: Autor, 2021.

Na quarta etapa da atividade encaminhei os estudantes a pensarem imagens para ilustrar os fragmentos do texto produzido. Ao tentar evocar imagens para ilustrar a produção escrita, muitos estudantes sentiram a necessidade de trocar o teor do texto. Isso tratou de uma reverberação muito interessante e inusitada, pois se antes estavam trabalhando muitas vezes com sensações às vezes ligadas ao senso comum, no momento em que precisaram pensar conexões imagéticas para representar figurativamente sensações despertadas com e na casa, muitos deles decidiram trazer elementos mais íntimos, como por exemplo compartilhar sua amizade e carinho por seus gatos ou por suas avós e irmãos.

## Meu Conforto



Júlia Ferreira



que pula em cima da cama  
e se acomoda no meu colo,  
pronto pra receber seu  
carinho diário.

Figura 6. Trechos do livro “Meu Conforto” produzido por uma estudante. Fonte: Autor, 2021.

Permiti a eles que refizessem ou revisitassem o texto, deixando-os livres para fluir e passear entre suas próprias ideias e sentimentos e elaborá-los a partir de uma disponibilidade com as novas sensações que surgissem. Os estudantes também foram orientados, ao pensar nas ilustrações para suas narrativas, a explorar figuras de linguagem tais quais a metonímia e as metáforas para trabalhar também com fragmentos e representação indireta que pudesse gerar resultados mais poéticos.

Elucidei ainda que eles podiam explorar temas fantasiosos e não necessariamente criar projetos verossímeis e realistas, de forma a trazer mais poeticidade e possibilidade de abstração de sensações para as propostas. Também os incentivei a utilizarem diferentes gêneros textuais tais quais o conto, a poesia, a carta, uma das estudantes, por exemplo, optou por escrever um roteiro. Alguns estudantes imaginaram casas no fundo do mar, e seres metamorfos, outros ainda construíram narrativas disruptivas e fragmentadas, sem linearidade temporal. Outros, por outro lado, utilizaram fotos da família e relatos autobiográficos como vemos a seguir:



Figura 7. Trechos do livro "Meu Lar Passageiro", produzido por uma estudante. Fonte: Autor, 2021.

A última parte tratou de unir escrita e imagem na confecção de pequenos e-books. Os estudantes confeccionaram as próprias capas, pensaram a diagramação, escolheram uma tipografia que pudesse expressar as emoções contidas no texto, enfim, se dedicaram a um projeto gráfico completo. Após o exercício muitos dos estudantes se emocionaram e ficaram muito comovidos em perceber sua capacidade criativa. Foi uma experiência extremamente bem sucedida, pois muitos vieram relatar que não imaginavam que podiam ser escritores, ou que a escrita foi um forte exercício de auto escuta e reflexão sobre si mesmos. Além disso, alguns relataram que não imaginavam que poderiam criar obras e projetos de tão intrincada complexidade.

Os exercícios foram propostos passo a passo, e evitei dar muitas pistas do que viria na próxima etapa para não gerar ansiedades com relação ao resultado final. Mantive também uma liberdade no fluxo, permitindo sempre que os estudantes revisitassem as etapas anteriores para refazer e mesmo recomeçar processos caso achassem necessário. Isso se mostrou acertado por permitir uma fluidez maior no projeto e a baixa das expectativas.

Buscamos, além disso, conversar sobre a casa com suas diferentes relações com o território e com a comunidade. A casa da avó, em outra cidade, como podemos observar no estudante abaixo, que entre as ilustrações relatou viagens e memórias da infância de forma humorada e lúdica, através de metonímias e outras figuras de linguagem.

Minha vó mora distante, no interior de palmares poucas vezes vou lá, mas quando vou me sinto aconchegado.

a única q eu tenho q me viu mijar na cama.



Figura 8. Trechos do livro “Casa” produzido por um estudante. Fonte: Autor, 2021.

## 7. DESDOBRAMENTOS: RAIZ, TERRA, ESCOLA, CÉU, TEMPO, ESCOLA.

A partir da metodologia acima desenvolvida: mapa mental – escrita criativa a partir de lembranças – ilustração a partir das imagens da memória, desenvolvi uma oficina que pode ser aplicada a diversos públicos. A ideia é utilizar as memórias de cada participante em torno das palavras para gerar escritos e a partir desses textos gerar ilustrações, colagens, e congrega esses materiais através de uma publicação improvisada, nos

estilo dos zines. Podendo ser esse material gráfico constituído tanto de maneira individual, quanto coletiva por um grupo.

No início de 2022, conduzi a experiência com uma série de coordenadores de escolas particulares de Recife. A rede de ensino que me contratou através de uma empresa de consultoria educacional. A gestão da escola estava preocupada com o fator socioemocional no processo educativo e fui convidada a elaborar um treinamento para sensibilização dos colaboradores. Convidei os gestores a se separarem em grupos e ao invés de usar a casa como tema geral, distribuí para cada grupo as palavras destacadas neste subtópico e os convidei a buscar conexões entre as palavras e suas experiências no ambiente escolar, tanto enquanto gestores de espaços educativos, quanto como discentes, na sua infância, adolescência e na graduação.

Pedi que escrevessem textos relatando essas memórias e novamente, que passeassem por diversos gêneros textuais além do simples relato. Após a rodada de escritas, pedi que se voluntariassem a compartilhar alguns dos resultados. Determinados participantes se arriscaram a criar rimas, e relataram o quanto se surpreenderam e se divertiram com o processo criativo. Após os textos, utilizamos revistas para criação de colagens em torno dos textos, eles se empolgaram muito com o projeto e com a possibilidade de trabalhar de maneira colaborativa com outros gestores.

No final da atividade os grupos compartilharam resultados e se mostraram muito comovidos, empolgados e mesmo deslumbrados com as memórias escolares que foram despertadas pela atividade. Uma das professoras, compartilhou, por exemplo, as memórias em torno de uma horta comunitária que experienciou implementar e ajudar a construir na sua escola.

Muitos dos professores que participam das minhas ações e oficinas ao final me buscam e para agradecer pela possibilidade de terem momentos de ressensibilização e autoescuta. Uma das participantes chegou mesmo a me procurar algumas semanas depois nas redes sociais para re-

latar ter se matriculado em um curso de escrita criativa, por ter se sentido motivada a resgatar seu trabalho autoral depois da oficina. Profissionais do ensino e coordenadores de escola precisam passar por essa experiência essencial de autocuidado de bell hooks chama da autoatualização. Como convida Federici:

Ademais, devemos nos perguntar: será que a mecanização e a robotização de nossa vida cotidiana são o melhor que milhares de anos de trabalho humano puderam produzir? Podemos imaginar a reconstrução de nossa vida em torno da comunalidade de nossas relações com os outros, incluindo animais, águas, plantas e montanhas que certamente serão destruídos pela construção de robôs em larga escala? Esse é o horizonte que o discurso e a política dos comuns nos abrem hoje: não a promessa de um retorno impossível ao passado, mas a perspectiva de recuperar o poder de decidir coletivamente nosso destino na Terra. É isso que chamo de reencantar mundo (2020, p.108).

Fica portanto o convite, a partir desse relato, para que reencanemos nossas relações com a casa e com o mundo-lar de forma a construir relações mais autoconscientes e afetivas com a cultura material que conosco constitui mundos. Que dessa forma a sala de aula e espaços de ensino e aprendizagem sejam locais para que trilhemos um caminho de cura, de cuidado de si e do outro de forma a revolver e estar vivos ao constituir e tramar nossas relações no mundo.



## REFERÊNCIAS

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FEDERICI, Silvia. **Reencantando o mundo**. São Paulo: Elefante, 2022.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento Crítico**. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, bell. **Tudo sobre amor**. São Paulo: Elefante, 2020.

INGOLD, Tim. **Estar vivo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

MILLER, Bruno. **Trecos, troços e coisas**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

## AUTORES

### MAIRA GOUVEIA

<http://lattes.cnpq.br/4092954906588263>

Minibio: Doutoranda em Design na UFPE, mestre em Design na UEMG, bacharel em Design de Moda pela UFMG e possui especialização em Artes pela Fundação Clóvis Salgado. Atualmente é professora da CESAR School e docente em Multimídia no projeto NAVE Recife, um projeto da Oi Futuro, em parceria com o Cesar. Tem experiência ainda, como docente na Índia, na faculdade Arch Academy of Design, onde foi premiada por suas contribuições acadêmicas no ano de 2017.

[mairagouveia@gmail.com](mailto:mairagouveia@gmail.com)

---

### ORIANA DUARTE

<http://lattes.cnpq.br/7982763946400047>

Miniobio: Possui graduação em Desenho Industrial pela Universidade Federal de Pernambuco (1990), mestrado (2000) e doutorado (2012) em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Adjunto 4 da Universidade Federal de Pernambuco. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Artes Visuais, atuando principalmente nos seguintes temas: arte contemporânea, corpo e processo artístico e pesquisa das relações entre arte e filosofia.

[oriana.araujo@ufpe.br](mailto:oriana.araujo@ufpe.br)

---